

ELEMENTOS ANALÍTICOS E PRÁTICA DE PESQUISA: POR UMA SOCIOLOGIA PÚBLICA

Ari Rocha da Silva¹

Marília Veríssimo Veronese²

RESUMO

Nesse artigo partimos da noção da sensação de incertezas que caracterizam as sociedades contemporâneas. Nesse sentido, podemos observar que matizes relacionais se amplificaram e possibilitaram um maior desempenho de trocas e correspondências entre os atores sociais em seus diferentes espectros de atuação. Abordamos, dessa forma, a ideia de tempo e espaço a partir do referencial de Manuel Castells, mediante sua conceptualização de espaços de fluxos, bem como utilizamos o exemplo de abordagem analítica de Vera Telles envolvendo as novas estruturas do trabalho e as tramas que se estabelecem no espaço urbano, para podermos consubstanciar uma reflexão de atuação voltada à pesquisa social. A ideia de uma Sociologia Pública é colocada em pauta, através da tipologia de Michael Burawoy, que discute uma ciência social que esteja mais em consonância com o público que pretende compreender, num maior engajamento político/epistemológico na pesquisa. Como registro empírico, iremos nos referir à metodologia de pesquisa Sociopoética aplicada a uma cooperativa de catadores de material reciclável. Tratamos das dinâmicas produzidas pelos sujeitos, sua construção de vínculos sociais nas tramas urbanas. Acreditamos ser pertinente analisar o trabalho dos recicladores não apenas pelo viés da pobreza e vulnerabilidade social ou pelo caráter normativo das ações das políticas públicas institucionais, mas, em tese, pela ação dos atores voltada à integração, a estratégia e a subjetivação de suas práticas e relações sociais.

PALAVRAS CHAVE

Espaços de Fluxos. Tramas Urbanas. Sociologia Pública. Sociopoética.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

² Professora Titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

INTRODUÇÃO

As considerações iniciais deste texto partem da seguinte reflexão: vivemos em ambientes de incertezas e inseguranças. Tais condições se consubstanciam como tônicas de nossas vidas e relações sociais. Ou seja, a imprevisibilidade torna-se um elemento da condição das sociedades altamente complexas; sendo, por sua vez, um dos potentes fatores do próprio e constante revigoramento político, econômico e cultural. Seguidamente nos colocamos as seguintes indagações: o que podemos entender por incertezas e inseguranças sociais? Como elas se manifestam nas sociedades atuais? Certa digressão histórica, neste momento, torna-se fundamental para refletirmos sobre essas indagações, mesmo que não seja objetivo deste texto respondê-las, mas contextualizar uma gama de preocupações que nos cercam na atualidade.

Para contextualizar tais questionamentos, partimos da ideia de que as sociedades atuais se configuram por apresentarem um volume de disposições às mudanças sem precedentes na história. As sociedades ocidentais tendem a ser dinâmicas e seu caráter inovador é recorrente, como fortes características voltadas à transformação e a complexidade de seus espaços e ambientes. Isso estabelece uma condição de ajustes e adaptações variáveis e constantes, frente os fluxos relacionais que se criam e recriam em espaços-tempos e da perplexidade dos indivíduos.

A frase antológica de Karl Marx e Fridrich Engels (1988), no *Manifesto do Partido Comunista*, escrita em meados do século XIX e por diversas vezes referenciada em trabalhos históricos e sociológicos, ainda reflete toda a essência de um tempo histórico que não se dá por encerrado: “*tudo o que era sólido e estável evapora-se, tudo que era sagrado é profanado e os homens são, finalmente, obrigados a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas*”. Em consonância a uma nova

perspectiva social em seus atributos econômicos, políticos e culturais, a entonação dos autores frisava os aspectos revolucionários da sociedade de sua época e de como se desenvolvia uma nova dinâmica relacional que rompia as barreiras do sagrado e da pessoalidade relacional de outrora. Novas relações de exploração do trabalho e da organização da produção corrompiam de forma retumbante as lógicas das sociedades medievais e de suas tradições. No turbilhão das mudanças, segundo os autores, criava-se um “novo homem”, de fundamentação econômica, regido pelas leis de mercado e circunscrito numa nova concepção de conflito de classe, entre burgueses e proletários. Mais que mera mudança das relações de exploração e de troca, consideravam que vivenciavam um novo tempo, de profundas mudanças sociais.

Apesar das controvérsias sobre o legado da modernidade ocidental, sem dúvida os últimos dois séculos são emblemáticos, visto a capacidade das transformações, não apenas do meio físico e das mudanças ambientais provocadas em todo o planeta, mas pela capacidade de ressignificação dos nossos aparatos relacionais e dos ajustes das sociabilidades. George Simmel (1979), contribuindo com o debate das novas circunstâncias do homem moderno e com o teor da interpretação anterior, demarca, no início do século XX, que vivemos numa profunda ambiguidade. Visto que a sociedade moderna, embora estabeleça um padrão normativo de fundamentação econômica restritivo, ao estabelecer critérios de troca e de conformidades universalizantes às dinâmicas impessoais e concorrenciais pela via do dinheiro e dos contratos, também estabelecia uma condição de certa liberdade ao indivíduo, que o condiciona a estender suas escolhas a uma dimensão própria às suas capacidades individuais. A cidade, particularmente a metrópole, é um facilitador da impessoalidade e do trânsito de

subjetividades humanas, rompendo as amarras dos grilhões pessoalizados das formas de sociabilidades tradicionais de períodos anteriores, pondera Simmel.

Os matizes relacionais se amplificaram e possibilitaram uma maior performance de trocas e correspondências entre os sujeitos. Os novos aparatos técnicos-informacionais das últimas três décadas, a título de exemplo, amplificam ainda mais esta dimensão, tornando as influências do dinamismo ainda mais proeminentes, rompendo barreiras territoriais e estabelecendo nova importância à dimensão do espaço e do tempo às sociedades.

O teor das mudanças se aprofunda nos séculos XX e XXI e as relações que estabelecem a sociabilidade não se inscrevem mais pela forma predominante presencial ou face a face. Os contatos se ampliam entre os indivíduos mediante novos meios de comunicação (televisão, internet, *smartphones* etc.) estendendo influências múltiplas às trocas culturais, econômicas, políticas e à intersubjetividade. A dimensão das correspondências tem o caráter de se amplificarem, globalizando contatos, informando práticas, noticiando acontecimentos em tempo real, aglutinando sujeitos ao debate e às manifestações coletivas e movimentos sociais.

As ligações são estabelecidas em tempos e espaços diversos, com conexões que interligam produção, consumo, modismos sociais e culturais, interferindo nas próprias trajetórias atitudinais e idealizadas pelos sujeitos. Com isso, criam-se vetores culturais e valorativos comuns, ao mesmo tempo em que se observa a diversidade do conjunto social, formação de grupos e forças associativas, sendo a própria diversidade uma manifestação recursal que distingue determinados grupos, mas que ao mesmo tempo é um fator de permuta e de conflito com distintas formas e manifestações políticas e culturais.

O indivíduo não pode mais ser entendido, dentro dessa perspectiva, como um elemento encapsulado a determinados desígnios, dentro de uma dimensão territorial unidimensional. Por isso a própria noção de indivíduo nas Ciências Sociais ganha novo impulso, frente a perspectiva de que as fronteiras entre as noções de indivíduo e sujeito coletivo ou ator social se tornam tênues. Entendemos que as trajetórias individuais compõem-se na rede de relações e experiências que são conformadas no seio das sociedades complexas, mediante fluxos e contrafluxos das manifestações e relações sociais. Dessa forma, as experiências dos indivíduos estabelecem disposições que compõem as próprias relações sociais por eles vividas coletivamente, na interface com outras experiências e trajetórias.

Essa introdução contextualiza, de certo modo, as sociedades contemporâneas em suas múltiplas teias relacionais. Conduziremos na primeira parte do artigo as noções de rede, tempo e espaço diante do referencial de Manuel Castells (1999), bem como da perspectiva analítica de Vera Telles envolvendo as novas estruturas do trabalho e das tramas que se estabelecem no espaço urbano em decorrência das mudanças desenvolvidas na sociedade. Como foco principal de nossa análise, apontaremos na sequência, a necessidade da Sociologia criar estratégias metodológicas visando uma melhor compreensão dos ambientes complexos que vivemos. A ideia de uma Sociologia Pública, dessa forma, é colocada em pauta, através da tipologia de Burawoy (2006), visto acreditarmos que essa Sociologia esteja melhor definida para uma melhor compreensão dos fenômenos sociais e, por que não, melhor “encorpada” para um maior engajamento político/epistemológico do grupo que se autopesquisa.

Para que consigamos melhor esclarecer o que pode ser entendido por Sociologia Pública, apontaremos um exemplo que consideramos referência de uma sociologia que

se compõe dentro de determinadas características que a qualifiquem como pública. Como registro empírico, iremos nos referir a metodologia de pesquisa que se fundamenta no âmbito teórico da *Sociopoética*. Tal abordagem analítica traz uma técnica de pesquisa que foi implementada junto a catadores de materiais recicláveis na cidade de Canoas / RS, em uma cooperativa de trabalho. A *Cooperativa dos Catadores de Material Reciclável de Canoas Ltda (Coopcamate)* tem aproximadamente vinte integrantes; tal investigação nos servirá como suporte contextual das práticas e das experiências dos indivíduos lá reunidos. A perspectiva será discutirmos o dinamismo das relações sociais, algo que não diz respeito de forma absoluta à iniciativa dos indivíduos isolados, nem a fatores determinados por um sistema social restrito.

1. Espaço de fluxos e os fluxos de incertezas

O sociólogo Manuel Castells, em sua trilogia *A era da informação: economia, sociedade e cultura*, busca compreender as sociedades atuais dentro de um teor analítico que evoca o desenvolvimento material das relações sociais imbricadas na conformação entre espaços de fluxos e espaços de lugares. Cabe considerar, na perspectiva deste sociólogo, o quanto se torna complexa a interação entre tecnologia, sociedade e espaço. Se em toda a humanidade o tempo e o espaço foram fatores fundantes dos modos de vida e das estratégias dos atores sociais, pois é no espaço e no tempo que realizamos nossas obras, a alteração radical desses fatores gera verdadeiras “revoluções” do ponto de vista das transformações amplificadas de nossas capacidades e realizações, minimizando esforços e maximizando as potencialidades de comunicação e influências múltiplas.

No *volume 1 da Trilogia, A sociedade em rede* (1999), Castells irá dedicar-se a concepção do espaço de fluxos. Assevera que na contemporaneidade vivemos socialmente amparados por fluxos conectivos que dinamizam toda a dimensão social.

[...] nossa sociedade está construída em torno de fluxos: fluxos de capital, fluxos da informação, fluxos de tecnologia, fluxos de interação organizacional, fluxos de imagens, sons e símbolos. Fluxos não representam apenas um elemento da organização social: são a expressão dos processos que dominam nossa vida econômica, política e simbólica. Nesse caso, o suporte material dos processos dominantes em nossas sociedades será o conjunto de elementos que sustentam esses fluxos e propiciam a possibilidade material de sua articulação em tempo simultâneo. Assim proponho a ideia de que há uma nova forma espacial característica das práticas que dominam e moldam a sociedade em rede: o espaço de fluxos. O espaço de fluxo é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos (CASTELLS, 1999, p. 501)

O espaço de fluxos comporia, dessa forma, os corredores dinâmicos da sociedade, as vias de acesso que separam os nós de uma rede de relações que interligam interesses diversos. Dentro desta perspectiva, Castells dá importância a ambiguidade que se estabelece entre a dispersão e a concentração de instituições, organizações e atores sociais. A questão em voga é de que as sociedades e grupos sociais se libertam das amarras de uma territorialidade descontínua e se tornam mais interdependentes em seus usos e costumes. Um fator que elucida melhor este processo é o âmbito do uso dos aparatos tecnológicos, pois são em grande parte os meios tecnológicos que instrumentalizam instituições e indivíduos a quebrarem barreiras concretas e se conectarem a uma rede interativa de informações, logísticas empresariais, poderes e interesses específicos. A globalização torna-se um processo concreto, embora versátil, pois as redes que operam interesses são maleáveis e estendidas, formam-se a partir de determinadas estruturas e ações estratégicas, ligando e desligando pontos de contatos, estabelecendo mecanismos de cooperação e exclusão entre atores e locais determinados.

[...] a direção e a arquitetura dessas redes estão sujeitas às constantes mudanças dos movimentos de cooperação e concorrência entre empresas e locais, algumas vezes historicamente cumulativos, outras, revertendo o modelo estabelecido mediante deliberada iniciativa empreendedora institucional. O que resta como lógica característica da nova localização industrial é sua descontinuidade geográfica, paradoxalmente formada por complexos territoriais de produção. (CASTELLS, 1999, p. 483)

Nesse processo, os espaços locais não são lugares estanques e pavimentados por sua solidez, mas se tornam um processo na malha interativa de conexões e mecanismos relacionais. Determinadas cidades tornam-se espaços globais dentro de um processo nodal que interliga-se a uma rede conectada a outros pontos do planeta, recebendo múltiplas influências, de forma que também tornam-se componentes de relativo poder, proponentes no fluxo dessa dimensão espacial.

Uma posição a se considerar de tudo o que já foi demarcado aqui, é de que o tempo e o espaço não podem ser entendidos independentemente da ação social. Como referenda Castells, o espaço não é um simples reflexo da sociedade, ele é a “*cristalização*” da sociedade. Ou seja, é a própria sociedade manifestando-se na cooperação e no conflito, nos problemas sociais e nas soluções e adaptações do dia-a-dia; as temporalidades e espacialidades constituem as vivências dos sujeitos, suas ações intersubjetivas.

Em realidade, podemos observar um jogo de forças entre atores, onde, evidentemente, os pesos dos poderes são desiguais na definição das escolhas e possibilidades de integração. A formação de redes ao mesmo tempo em que integra regiões, cidades e sujeitos, também estabelece relações de dependência e hierarquias. Alguns pontos, em cidades globais, irradiam a tomada de posições que irão se refletir nos aportes e logísticas de outras localidades, implementando práticas e influências. A ligação de pontos e confluências nunca é natural, mas faz parte do jogo de mercados e decisões

estratégicas de uma elite ou movimento global que se concentra em postos-chave da escala global. Desta forma, a ideia de concentração e dispersão de poderes fica caracterizada, dentro do teor de ambiguidade que caracteriza os movimentos de negócios, produções e consumos, assim como manifestações políticas e culturais, na órbita sempre versátil das redes e conexões que se estabelecem.

Enfim, depreende-se desse processo a maleabilidade de contatos e conexões que são criadas e recriadas na esfera global da atualidade, induzindo a mesma perspectiva dinâmica a outras escalas, sejam regionais ou locais. Os contatos tornam-se dinâmicos, pois os aportes técnicos permitem esta condição de interatividade em tempos instantâneos, rompendo como única e exclusiva forma os contatos presenciais entre comunicantes. Essa instantaneidade, que matiza aceleradas perspectivas de transformação, é que, a nosso ver, assim como em Giddens (2003), estabelece uma sensação de incerteza e insegurança por parte dos sujeitos envolvidos nas conexões. Tal sensação não é apenas algo aparente ou abstrato, pois os fluxos de interações que fundam novas formas de gerir o tempo e o espaço trazem determinada ligação relacional. Haja vista que os fluxos disseminam permutas entre atores constantemente e estas permutas são redefinidas e tratadas em seus casos. Isso, sem dúvida, leva os atores a estabelecerem uma reflexividade constante, fomentada na própria circunstância das operações que desenvolvem nas redes fluídas em que estão ligados. A reflexividade, gerada por dúvidas e incertezas, traz embutido o fator da insegurança e da necessidade de se encontrar capacidades de reconversões que estabeleçam a volta a um estágio de segurança, aspecto necessário para que consigamos viver em sociedade, embora seja sempre circunstancial a segurança em âmbitos de relações tão dinâmicas (GIDDENS, 1991).

Múltiplos contatos em redes de interação, em diversas escalas de manifestações, geram uma capacidade de ações e confluências variadas que, de certa forma, permitem aos atores traçarem trajetórias específicas a partir de suas múltiplas experiências sociais. Experiências, nesse sentido, nunca são idênticas umas as outras, pois os registros não são inteiramente congruentes e guardam um teor de singularidade. É nesse sentido que acreditamos ser importante retratar a dialética entre os espaços de fluxos, que dizem mais respeito às interseções dinâmicas representadas pela globalização, com os espaços de lugares, tendo esses espaços ligações fortes com as singularidades e performatividades dos atores circunscritos a um território e que se adaptam e/ou resistem àqueles fluxos que os interpõem em seus próprios campos de atividades e de vidas cotidianas.

O trabalho de Vera Telles (2010) é bastante elucidativo nesse sentido, pois destaca em seu estudo as trilhas – trajetórias - e tramas urbanas que determinados atores sociais estabelecem para viver, para trabalhar e, de certo modo, para consumir. Observa a autora que o espaço urbano é um espaço pródigo de relações sociais múltiplas, avalizando de alguma forma os argumentos de Castells.

Cada situação é atravessada por processos transversais nas trilhas muito concretas das diversas formas de conexão e interconectividade, seja pelas mediações sociotécnicas e seus artefatos (os cartões de crédito, por exemplo...), seja pelas redes socioeconômicas, aí incluindo os circuitos obscuros dos mercados informais, o tráfico de drogas e o comércio de bens ilícitos. Colocadas lado a lado, elas se comunicam pela transversalidade das questões postas em cada uma, fazendo perfilar realidades urbanas contrastadas e apreendidas a partir de suas diversas angulações, jogo de perspectivas lançadas sob diversos prismas. (TELLES, 2010, p.21)

Também dentro da abordagem de Telles dá-se importância a ideia de fluxos, qualificados como fluxos cotidianos. Fluxos, esses, retratados, particularmente, no âmbito da esfera urbana, embora em correspondência com os outros fluxos, exógenos ao espaço

local. A autora deixa claro seu problema de estudo ao dar relevância às questões do trabalho e dos modos atuais que os atores buscam para adquirir renda e sobreviver numa condição em que as atividades laborais fordistas, eminentemente condição característica das grandes fábricas e da produção em massa, já arrefeceu sua importância produtiva como forma geradora de lucro às empresas. Nesse panorama, a pesquisa da autora dá enfoque, especificamente, à cidade de São Paulo, ao descrever as trajetórias de atores na busca por trabalho. De um trabalho, na maioria das vezes, temporário e precário, sem direitos trabalhistas, mediante aquilo “que restou” e está hoje distante do que foi idealizado por muitos trabalhadores, ou seja, trabalho regular e seguro, características que eventualmente fizeram parte de atividades laborais de gerações de trabalhadores que os precederam.

Assim se eleva, segundo Telles (2010, p.17), a proposta de estudar a multiplicidade de detalhes e do transcurso dos atores visando sua busca por melhores condições de sobrevivência econômica e social.

Aprender os bairros, em particular os chamados bairros desfavorecidos, [...], a partir da cidade é pensá-los no plural, situados em um plano de consistência que lhes autoriza a permanecer urbanos, já que atravessados por uma teia de redes e circuitos em escalas diversas, pontos de conexão entre territórios diversos, transversalidades de experiências feitas em seus limiares e nos quais pulsa a vida urbana e seus problemas.

Na descrição que faz, adentra nas características das atribuições e funções estabelecidas de novos postos de trabalho criados por empresas de vários formatos; atividades que exigem, constantemente, reacomodações do núcleo familiar para se conseguir atender às exigências laborais estabelecidas por um novo plano funcional de atribuições. Nesse sentido, Telles acessa informações ligadas ao trabalho informal e/ou ilegal, como o tráfico de drogas e o transporte clandestino na periferia de São Paulo.

Segundo a autora, pode-se dizer que o legal e o ilegal estão muito próximos e se coadunam pela incerteza e precariedade; muitas vezes, são executados pelos indivíduos como sendo atividades complementares uma da outra, no intuito de incrementar a renda familiar.

Por essas contingências, percebe-se o quanto se necessita usar, por parte dos atores, suas racionalidades estratégicas para burlar as dificuldades cotidianas de uma condição de trabalho que vem sendo constantemente transformada nas últimas décadas; exigindo-se maior flexibilidade dos sujeitos, seja na estrutura corporativa empresarial do emprego formal, seja no próprio modo de vida e dos arranjos informais e/ou ilegais de trabalho. A descrição destas atividades, suas problemáticas e contingências, são muito elucidativas em que pese o entendimento da sociedade em suas estruturas e singularidades. O elemento humano, nesse contexto, reverbera suas nuances instrumentais, valorativas e emocionais, ocupando-se de um jogo dinâmico, sendo o fluxograma das posições estritamente complicado e, para que se possa entendê-lo, há que ser criteriosamente pesquisado em sua complexidade relacional.

Nesse sentido, a Sociologia se apresenta como um campo de conhecimento científico sempre em evolução, revendo-se constantemente na medida em que o seu próprio objeto se transforma e gera novas indagações. Devemos estar preparados para absorver nas análises sociológicas as mudanças provenientes do campo de investigação, inserindo novos métodos e abordagens, atualizando-nos para melhor compreender analiticamente aspectos provenientes dos meios sociais. Em seguida, abordaremos a perspectiva de Burawoy (2006) para pensar a Sociologia enquanto prática social e produção de conhecimento sobre as configurações complexas do contemporâneo.

2. Sociologia: campo reflexivo à complexidade

a) Referenciais atitudinais da Sociologia

As últimas quatro décadas, pelo menos, foram importantes para repensar vivamente as abordagens sociológicas e seu cabedal técnico-metodológico. As contextualizações históricas e a atribuição da Sociologia dentro de um pensamento crítico levaram a um olhar mais complexo sobre a realidade, buscando perceber as nuances e particularidades dos conflitos sociais, abdicando em parte das generalizações teóricas. No Brasil e na América Latina como um todo, a Sociologia abre um leque de temas que trafegam por diferentes abordagens, rompendo com um ciclo de pensamento que via a realidade de uma forma mais ou menos linear. De certa forma, a Sociologia vai se constituindo e se repensando nos próprios processos históricos que vão compondo a sociedade, permitindo observar-se perante os conflitos e matizes do espectro ideológico de determinados segmentos sociais, assim como seu próprio compromisso com o saber e com as sociedades (SANTOS; BAUMGARTEN, 2005).

A ideia de que o saber sociológico pode desenvolver um compromisso com a sociedade visando a sua mudança parece-nos um tema intrigante e que já movimentou argumentos de diferentes concepções. A propósito: a sociologia poderia ultrapassar seu resguardo epistemológico ou deveria manter-se numa posição equidistante do seu objeto de estudo, buscando uma certa neutralidade? A primeira questão que nos ocorre e que seria básica para não cairmos num debate inócuo e improdutivo, é saber se é possível ao pesquisador social manter-se numa condição de distanciamento em relação ao seu objeto de estudo, o que, em tese, o possibilitaria de não interferir no que está sendo pesquisado. Em nossa perspectiva, negamos a possibilidade de uma simples neutralidade epistemológica por parte de qualquer pesquisador social; o pesquisador também é um ator

social e carrega consigo valores e condicionamentos, embora busque a objetividade científica, dentro dos parâmetros que caracterizam todo e qualquer saber que se denomine por Ciência e assumam noções e procedimentos metodológicos.

Em conferência de abertura da *Associação Americana de Sociologia*, em 2004, o eminente sociólogo Michael Burawoy (2006) estabelece tipologias para pensar as matrizes da intervenção sociológica. Burawoy discute, mediante quatro referências sociológicas (tipos ideais) destacadas por ele, o âmbito da atuação dessa Ciência em cada uma de suas dimensões, bem como a própria necessidade de articulação de seus vieses epistemológicos. Estabelece, assim, as *performances* da Sociologia e, com isso, ajuda-nos a pensar na própria essência do *métier* do sociólogo contemporâneo.

Burawoy irá enquadrar a Sociologia dentro das perspectivas típicas *profissional, crítica, política e pública*. São estas as dimensões que irão caracterizar as abordagens e o enfoque atitudinal dessa Ciência. A Sociologia Profissional será retratada como aquela que se caracteriza por ser eminentemente acadêmica e focada dentro de uma metodologia regular que visa cumprir todos os trâmites regimentais da *performance* dos dispositivos e diretrizes dos programas institucionais acadêmicos. A Sociologia Crítica, por sua vez, busca questionar as próprias linhas e metodologias de pesquisas institucionalizadas, pensando na própria dimensão do conflito que se estabelece no próprio cerne acadêmico. Vem, assim, a pensar em novas proposições teóricas que serão matizadas na confluência do debate acadêmico. Percebemos o quanto estas duas linhas de práticas sociológicas estão circunscritas ao âmbito acadêmico, com pouca ou relativa interface com os sujeitos que estão fora do nicho institucional universitário, embora uma sendo mais tradicional e instrumental e outra mais reflexiva e questionadora das suas próprias práticas.

Em outros níveis de apreensão, mais equidistantes do ambiente acadêmico, mas sem romper com esta ligação, segundo Burawoy, estão as sociologias Política e a Pública. A primeira mais ligada ao mercado do conhecimento, por dar maior ênfase a uma fundamentação de pesquisa aplicada às necessidades dos seus financiadores. Nessa tipologia podemos observar uma sociologia eminentemente instrumental, realizando pesquisas de opinião de acordo com as necessidades dos contratantes, seja de órgãos governamentais ou de empresas privadas, visando maior poder de planejamento e atuação na sociedade. A Sociologia Pública, por outro lado, tem teor mais reflexivo, assim como a Crítica, porém busca estar mais em consonância ao público a quem se relaciona no campo de investigação. Aqui cabe considerar, inicialmente, duas questões fundamentais para caracterizar a Sociologia Pública. A primeira diz respeito ao acesso dos diversos públicos ao discurso técnico sociológico. Para isso, os próprios sociólogos dessa matriz sociológica geralmente flexibilizam o seu discurso, possibilitando um melhor entendimento e diálogo com seus interlocutores no campo em que se estabelecem seus trabalhos. Há que se ter em mente que o padrão discursivo acadêmico, em muitos casos, fica inacessível às pessoas comuns, que estão fora da linguagem científica de uma determinada área de conhecimento. Um segundo ponto que esta dimensão estampa é o caráter prático que a sociologia pode gerar ao longo de sua intervenção e do diálogo entre sociólogo e demais públicos. Este entrosamento pode se estabelecer em diversos níveis, seja na forma presencial ou através de diversas mídias. Enfim, os sociólogos ao provocarem a reflexão entre partes e segmentos sociais, dentro de uma perspectiva dialógica, o que podem produzir? Quais são as suas influências? Um pressuposto para a Sociologia Pública é básico: a proposta é produzir e transmitir conhecimento junto com os demais sujeitos, tornando-se uma referência para o diálogo dentre outros

conhecimentos possíveis, podendo, em tese, ao mesmo tempo que pesquisa, tornar as pessoas mais conscientes de si e de suas circunstâncias.

Estes quadrantes, cabe reforçar, são tipos ideais a exemplo da organização metodológica weberiana e, dessa forma, acabam se mesclando nas práticas dos sujeitos pesquisadores. Nenhuma destes referenciais é, assim, referência que deve ser seguida à risca do que é definido em suas características teóricas, pois o sociólogo profissional acadêmico, por exemplo, respondendo a seus pares ao passo que também pode estar habilitado a esboçar uma atitude crítica e propositiva de metodologias participativas frente ao grupo que investiga.

Cabe-nos aqui, por hora, dar prioridade à perspectiva da Sociologia Pública, pois acreditamos que esta ênfase do trabalho sociológico pode ajudar-nos a pensar ainda mais na complexidade do mundo contemporâneo à medida em que esta Ciência estabelece uma relação de parceria mais imediata com os atores sociais, no ambiente onde se produzem as trajetórias e as ações dos indivíduos pesquisados. Não se quer aqui dizer que outras formas de pesquisas sociais não estejam habilitadas a produzirem excelentes trabalhos sociológicos, longe disso; mas buscamos enfatizar o aspecto relacional entre pesquisadores e pesquisados e suas potencialidades transformadoras. Nossa ideia é sublinhar o quanto os atores sociais são dinâmicos e o quanto metodologias de uma Sociologia Pública podem fazer-nos refletir e conectar aos movimentos e reivindicações sociais.

Como exemplo de Sociologia Pública, em métodos participativos, damos visibilidade, aqui, a um trabalho desenvolvido junto a catadores de materiais recicláveis, tendo como perspectiva pontuar a heterogeneidade dos atores sociais nas redes e fluxos dinâmicos que estão ligados. Escolhemos esse exemplo pois estamos, ambos os autores,

engajados em pesquisas que utilizam essa metodologia participativa e que coloca os sujeitos como co-pesquisadores, partícipes ativos da produção de conhecimento.

b) Técnica reflexiva-corporal para uma Sociologia Pública

O teor de pluralismo e complexidade das sociedades contemporâneas incitam as Ciências Sociais, como um todo, a repensarem constantemente suas teorias e métodos. A técnica da Sociopoética vem aos poucos mostrar a sua dimensão investigativa trazendo a perspectiva de ampliar a ideia da construção um conhecimento que abarque não só os aspectos cognitivos e racionais dos sujeitos pesquisados, mas que estenda a formulação aos aspectos emotivos, sensíveis, gestuais, imaginativos, intuitivos, sensuais dos indivíduos e grupos pesquisados.

Para tanto, seu idealizador, o filósofo e pedagogo Jacques Gauthier (2012), propôs valorizar um método de construção coletiva do conhecimento, à medida que este pudesse produzir um conhecimento que fosse aprendido pelo próprio grupo pesquisado, sendo o grupo agente de seu próprio conhecimento. Essa perspectiva torna os sujeitos da pesquisa co-responsáveis pelos saberes produzidos. O pesquisador que propõe a pesquisa ao grupo perde a função de mero coletor e analista de informações, mas torna-se um mediador deste coletivo, ajudando a operacionalizar o conhecimento que vem do mesmo, sendo ele também portador de conhecimentos válidos, mas não superiores.

Segundo Gauthier, a busca por um conhecimento mais substantivo e integrador das condições dos indivíduos, o fez empreender no seu trabalho metodológico um teor de criticidade que também o fez distar de metodologias mais tradicionais na área das Ciências Sociais.

Tive de entender como pensavam, sonham e vivem povos indígenas, compartilhar com eles suas lutas, para me entender melhor e, sobretudo, iniciar uma reflexão epistemológica intercultural, onde cada um atua como olhar crítico sobre o outro e, no mesmo gesto, se transforma (GAUTHIER, 2012, p. 7).

A grande questão desta abordagem investigativa está na própria ideia de valorização dos saberes, das “verdades” dos ambientes culturais e da possibilidade de formação de um entendimento intercultural na combinação dos conhecimentos e no seu debate franco, a partir do que chama de culturas de resistência: aqueles grupos sociais que experimentam a subalternidade, a pouca representatividade política na esfera pública dominante, mas que resistem e produzem suas vidas nas tramas urbanas. O sujeito subalterno, na definição de Gayatri Spivak, é aquele pertencente “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 1999, p.12). Importante frisar que não se trata apenas de buscar respostas cognitivas que esses sujeitos manifestam em relação a estímulos oriundos do social, mas de analisar as formas como os grupos sociais constroem, organizam e geram práticas em relação aos diferentes significados dos conteúdos circulantes e as diversas respostas que podem acompanhar e resultar desses estímulos, em termos práticos. Há que dar-se conta que o conhecimento não se estabelece apenas na forma da razão (da cognoscência), mas é expresso também corporalmente, nas linguagens coloquiais, nas crenças, etc. Os sujeitos devem ser vistos, dessa forma, na sua integridade objetiva e subjetiva, visto serem portadores de experiências relacionais e formas de expressão únicas, porém contextualizadas e articuladas. A singularização do sujeito, nesse processo, não é um marco de afastamento do indivíduo em relação aos outros, caso contrário poderíamos cair num relativismo inócuo; mas é um ente de relações onde se estabelecem também as contradições sociais, formas de dominação e exploração.

Voltando à proposta metodológica da Sociopoética, esta baseia-se em cinco considerações iniciais; a primeira delas afirma a construção de um grupo pesquisador, ou

seja, não se trata do pesquisador e seus pesquisados, mas sim de um grupo, do qual o pesquisador institucional também faz parte e coletivamente todos são responsáveis pela pesquisa. Desde a definição do tema de interesse, às formas de socialização do estudo. O desafio é alcançar a interreferencialidade, isto é, cada interlocutor ou autor estabelece as relações com seus parceiros, falando para os outros, com os outros e entre os outros.

O método prevê, numa segunda consideração, a participação das culturas de resistência que são representadas por grupos excluídos do acesso aos saberes oficiais. Esses grupos populares possuem conhecimentos que não só deixam de ser reconhecidos pelo saber científico, como também detém estruturas de organização distintas que devem ser consideradas para apreensão destes saberes.

Para tanto, em terceiro lugar, Gauthier propõe que se dê atenção ao corpo inteiro daqueles que integram o grupo pesquisador no processo da pesquisa. Diferentes grupos sociais possuem formas distintas de organizar e produzir seus saberes, nem sempre de forma linear e “racional”. Certas vezes, uma dança ou cântico podem expressar conhecimentos de extrema importância para o grupo que representam, seja em aspectos sociais, emocionais ou mesmo espirituais. Por esse motivo, em um quarto ponto, Gauthier sugere que não se trata apenas de observar e escutar relatos dos grupos observados: “por isso recomendamos que se faça o uso de técnicas variadas de produção de dados, criando assim uma complexidade suficiente para tocar a complexidade da própria vida” (Gauthier, 1999, p. 8). O uso de técnicas artísticas, de expressão corporal, vocal, movimentos ou desenhos e relaxamento credita às demais dimensões do ser humano a potencialidade de produzir saberes válidos, subvertendo a lógica instituída do saber das ciências sociais – fortemente baseado sobre o discurso.

Na quinta consideração, Gauthier propõe que o estudo desenvolvido através da sociopoética seja socializado de tal forma a romper a posição do pesquisador como detentor de conhecimento válido e inteligível. Nesse caso, o grupo-pesquisador define o produto final da pesquisa, que não necessariamente será um livro ou um artigo, mas sim obra artística, teatro, audiovisual ou tantas outras formas de expressão.

Ao exemplificar esse processo de pesquisa, trazemos um caso baseado num projeto de pesquisa intitulado *Inquirindo as epistemologias do Sul: saberes e práticas sociais entre catadores de materiais recicláveis*, que utiliza essa metodologia como forma de produzir/analisar dados. Não trataremos de forma resoluta os resultados desta pesquisa, pois o Projeto está ainda sendo executado, mas teceremos algumas considerações que achamos pertinentes a esse trabalho, clarificando pressupostos e práticas da Sociopoética que foram utilizados nesse estudo junto a Coopcamate.

A Cooperativa em foco é uma associação de trabalhadores que tem, aproximadamente, vinte associados que catam e separam materiais que serão destinados às indústrias da reciclagem. Tal empreendimento conforma-se pela livre associação dos executores, sendo os resultados do trabalho divididos no grupo, sem centralidade de captação de vantagens por quaisquer de seus integrantes, aspectos esses que são basilares ao que se pode chamar de economia solidária. O entendimento das formas de solidariedade no âmbito econômico tem comportado distintas ênfases e abordagens, em relação a seus sentidos e dimensões, mas podemos sintetizar que os empreendimentos econômicos solidários (cooperativas populares, associações, clubes de troca, bancos comunitário etc.) se caracterizam por arranjos que envolvem, em maior ou menor grau, prática da autogestão, divisão igualitária dos frutos do trabalho e responsabilidade social/ambiental. Segundo dados do 2º mapeamento nacional da economia solidária, há

19.708 empreendimentos com estas características identificados no Brasil. Naturalmente que a economia solidária apresenta em suas manifestações empíricas muitas contradições, e os princípios são concretizados em graus muito distintos nas diferentes experiências (GAIGER et al, 2014).

Em relação ao trabalho de pesquisa, ele se centra em oficinas que são realizadas com o grupo de recicladores cooperativados, onde todos os associados foram convidados a participar e informados sobre os objetivos da pesquisa, que, fundamentalmente, visa conhecer as lógicas de trabalho, bem como a vivência relacional experimentada pelos associados. Dessa forma, buscou-se a sensibilização do grupo e sua participação como co-responsáveis pelo Projeto, já que a pesquisa visa a produção de conhecimento por parte de todos os envolvidos. Dentro da proposta dos ciclos das atividades desenvolvidas, busca-se, realmente, que os resultados dos encontros sejam apreendidos por todos e que sirvam ao grupo em seu horizonte de autoconhecimento coletivo.

O trabalho em oficinas está sendo dividido em múltiplas atividades e dinâmicas, sejam elas individuais ou em grupos (*imagens 1 e 2*). Nas oficinas, os co-pesquisadores/recicladores podem expressar-se, dividir suas impressões e debater seus argumentos e suas experiências, sejam elas provenientes do trabalho cooperativo ou da vida privada. Estas atividades reflexivas baseiam-se em dinâmicas expressivas, onde os componentes têm a oportunidade de, através do desenho, da escrita, da expressão corporal, de técnicas oriundas do teatro do oprimido, dizer o que pensam e o que sentem sobre os contextos que vivenciam. Aparece aquilo que consideram mais premente e que gostariam conscientemente de expressar a todos, ou elementos surpreendentes, trazidos de forma espontânea, sem muita reflexão e intelectualização prévia.

O que fica manifesto nestas atividades é a capacidade das pessoas se comunicarem e avaliarem, de modo singular, o círculo de relações que estabelecem no grupo de trabalho e fora dele. Diante disso, vem à tona eventos e momentos não só acontecidos dentro da cooperativa, mas nas trajetórias individuais de cada um e no ambiente familiar e íntimo de suas casas. Nesse processo, os sujeitos reconstroem a possibilidade do entendimento de suas circunstâncias e uma gama de vivências que experimentam. Emerge ao debate em comum, em grande parte, as trajetórias individuais e o que os une num ambiente de trabalho tão específico, embora com um teor de complexidade relacional muito intenso a medida que cada componente traz suas visões de mundo e experiências significativas, compondo um cabedal de expectativas de vida, desejos e frustrações.

Figura 1 - Atividade entre pesquisadores/recicladores da Coopcamate, representação em desenho sobre experiências de vida e trabalho – traçando trajetórias.



Registro fotográfico de autor durante a oficina (Novembro / 2014)

São bastante impactantes as manifestações e informações produzidas pelo grupo. Retratam, geralmente, quando falam do passado, uma trajetória difícil e sofrida, onde o trabalho e as dificuldades da pobreza sempre fizeram parte de suas relações. Porém, constata-se uma heterogeneidade nas formas de representar suas trajetórias, sejam elas escritas ou expressas através de desenhos ou gestos corporais. Nota-se, assim, a heterogeneidade de dispositivos sociais amalhados das experiências de vida de cada pessoa. A título de exemplo, observa-se os diferentes capitais culturais por parte dos diferentes graus de escolaridade dos participantes, bem como suas origens locais, geração etária e graus de vulnerabilidade e conflitos relacionais existente em suas famílias; muito embora a casa seja um lugar idealizado por todos, base de certeza, sonho de aconchego e de *locus* estruturante das ações cotidianas de cada um.

Figura 2 - Debate de uma cena teatral reproduzida por parte de alguns pesquisadores/recicladores da Cooperativa.



Registro fotográfico dos autores durante a oficina (Novembro / 2014)

São bastante eloquentes também os conflitos internos das relações entre os associados. Relações de poderes geracionais e de gênero são os mais visíveis. Apregoa-se por parte do grupo que uma de suas lideranças – homem - mantém um caráter autoritário ao se relacionar com os demais colegas, descaracterizando a autogestão. Evidencia-se nas falas, da ampla maioria, certo temor em abordar este aspecto, mas aos poucos vem à tona esta realidade, inclusive por parte de outras lideranças, que têm consciência de suas limitações e se dizem cientes que devem adequar sua característica de condução dos processos relacionais e de trabalho conjunto.

Os canais de comunicação dessa metodologia de trabalho visam reproduzir, então, os vínculos sociais e os conflitos atinentes ao cotidiano das atividades laborais, mediante a percepção da origem e transitoriedades dos elementos que compõem o grupo, as dificuldades de relações do dia-a-dia, seja da própria natureza da atividade de separar lixo ou dos aspectos de mando e poderes desiguais extra e intra associação. Além disso, é manifesto nas falas e expressões o que os sujeitos projetam em grupo, suas perspectivas para o futuro e como se comportam em uma dificuldade pessoal e/ou coletiva.

Figura 3 - Co-Pesquisadoras / Recicladoras da cooperativa iniciando atividade na Oficina de Sociopoética



Registro fotográfico dos autores durante a oficina (Agosto / 2014)

Os cooperados desenvolvem a possibilidade de indagar a si mesmo e ao outro, na medida em que se reconhecem na presença e em algumas experiências alheias. Nessa perspectiva, essa proposta metodológica abre um leque de possibilidades de conhecimento e entendimento mutuo, provocando a possibilidade de um diálogo mais inclusivo e sistemático (*imagem 3*), no exercício de reconhecimento e troca de percepções entre colegas. Compartilham as principais experiências e desafios: o preço dos materiais que comercializam, o reconhecimento do catador na sociedade, as condições de vida; as ligações com a família, com o passado e com as projeções de futuro, que incluem moradia agradável, tranquilidade, compartilhamento de conquistas. Desejam construir a

autogestão e o que chamam de “verdadeira cooperação” e experimentam essa tentativa como um labirinto, no qual tateiam, procuram, se perdem, e de vez em quando aparece uma saída razoável que inclui a ajuda mútua e o apoio das lideranças e da comunidade de entorno, além do suporte de políticas públicas. Orgulham-se de trabalhar honestamente, por manterem-se afastados de atividades ilícitas e ilegais, por construírem dignidade junto à comunidade local e a mais ampla da economia solidária (redes e fóruns os quais estão ligados).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método da Sociopoética está inserido na perspectiva de uma Sociologia Pública, visto considerarmos o diálogo com o público pesquisado como marco fundamental. Em meio a uma sociedade dinâmica, de fluxos e contrafluxos estabelecidos, que geram incertezas e matizam os desenvolvimentos das sociedades, a Sociopoética vem propor que se fomentem formas dialógicas visando o conhecimento compartilhado. Seria, assim, mais um vetor de transformação com potencial de contribuir para a inovação social. Assim, soma-se a outros vetores e interesses que buscam entender e atuar no campo das ciências sociais, tornando mais complexa a sociedade e fenômenos subjacentes.

Não se romperam, segundo nossa visão, alguns aspectos basilares da modernidade, como a noção de direito e de racionalidade (ORTIZ, 2007), mas ampliam-se, aprofundam-se e complexificam-se esses aspectos como pressupostos éticos e parâmetros das vivências práticas. Cada vez mais buscamos integrar uma sociedade que respalde os Direitos Humanos, sendo a própria condição da diversidade cultural um direito consagrado pela maioria das sociedades, a despeito dos entraves à sua concretização e às lutas políticas que os cercam. Assim como se propugna o

estabelecimento da reflexividade, não como respaldo de uma única verdade, mas como critérios de liberdade ética, valorativa, estética que cada vez mais consubstancia a performatividade dos atores em sua pluralidade.

Esse trabalho buscou enfocar a complexidade que estamos imersos nas sociedades contemporâneas, mediante os fluxos relacionais, comunicativos e de trocas produtivas e comerciais. Os espaços de fluxos se misturam com os espaços de lugares causando, muitas vezes, uma condição de incerteza às tradições e influências locais.

Tratar das possibilidades e dinâmicas criadas por trabalhadores em seus locais de trabalho mostra-nos como as relações sociais são estabelecidas no dia a dia. Assim buscamos compreender a própria condição dos atores vivendo numa sociedade complexa. Acreditamos ser pertinente, nesse intento, analisar o trabalho dos recicladores não apenas pelo viés da pobreza e vulnerabilidade social, muito menos pelo caráter normativo das esferas das ações das políticas públicas institucionais, mas pela ação desses atores voltadas a integração, a estratégia e a subjetivação de suas práticas e relações.

O método da Sociopoética parece-nos uma possibilidade de conduzir um trabalho de pesquisa de forma pública, dando a oportunidade dos próprios atores construir conhecimentos de si. O trabalho dos cientistas sociais, mediante essa possibilidade, converte a pesquisa em um produto coletivo e crítico, adequando esse conhecimento às diferentes demandas que estão à sua frente, sejam elas de ordem acadêmica, político institucional e/ou de apropriação do núcleo pesquisado. Pois o conhecimento não precisa ser visto e utilizado por apenas uma dimensão de interesses, mas pode ser construído dentro de nossas capacidades de produzi-lo em conjunto; caso contrário, corremos o risco de empobrecermos nossa análise, não entendendo e não nos fazendo entender diante dos sujeitos com os quais estabelecemos contato.

A possibilidade de uma Sociologia Pública é, no atual estágio em que vivemos, de tantas mudanças e incertezas, uma abordagem das mais relevantes no sentido de implementar um diálogo profícuo no entendimento dos processos sociais e das ações dos atores. Numa sociedade intercultural, onde um trabalho de tradução das linguagens e expressões pode ser mais profundo, qualifica-se, potencialmente, a própria abordagem sociológica, inserindo-se na complexa teia de relações que construímos conjuntamente.

REFERÊNCIAS

BURAWOY, Michael. 2006. *Por uma sociologia pública*. Política & Trabalho. Revista de Ciências Sociais. Nº 25, Outubro. pp. 9-50.

CASTELLS, Manuel. 1999. *A sociedade em rede*. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1) São Paulo: Paz e Terra.

GAUTHIER, Jacques. 1999. *O que é pesquisar - entre Deleuze-Guattari e o candomblé, pensando mito, ciência, arte e culturas de resistência*. *Educ. Soc.* [online]. 20(69):13-33.

_____. 2012. *O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais*. Curitiba: CRV.

GAIGER, Luiz Inácio (Coord.). 2014. Grupo Ecosol. *A Economia Solidária no Brasil: uma análise dos dados nacionais*. São Leopoldo: Oikos.

GIDDENS, Antony. 2003. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Ed. Record.

_____. 1991. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista.

MARX, Karl; ENGELS, Fridrich. 1988. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Global.

ORTIZ, Renato. 2007. *Anotações sobre o universal e a diversidade*. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 jan./abr.

SANTOS, José Vicente; BAUMGARTEN, Maíra. 2005. *Contribuições da Sociologia na América Latina à imaginação sociológica: análise, crítica e compromisso social*. Sociologias, Porto Alegre, ano 7, nº 14, jul/dez, p. 178-243

SIMMEL, Georg. 1979. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 11-25.

SPIVAK, Gayatri. 1999. *A Critique of Postcolonial Reason*. Cambridge: Harvard University Press.

TELLES, Vera. 2010. *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal*. Belo Horizonte: Argumentum.

ANALYTICAL ELEMENTS AND RESEARCH PRACTICE: FOR A PUBLIC SOCIOLOGY

ABSTRACT

In this article we start from the notion of sensation of uncertainties that characterize contemporary societies. In this way, it can be observed that relational nuances were amplified and enabled greater performance exchanges and correspondence between social actors in their different ranges of action. Therefore, it is approached the idea of time and space from the reference of Manuel Castells, through his conceptualization of flows spaces, as well as it was used Vera Telles' analytical example of approach involving new labor structures and the plots that are established in urban space, in order to consubstantiate a reflection of action for social research. The idea of a Public Sociology is placed on the agenda by Michael Burawoy's typology, trying to discuss a social science that is more in line with the audience that intends to understand in a greater political/epistemological engagement of research. As empirical record, we will refer to the methodology of Sociopoetics research, applied to a recyclable material collectors' cooperative. It was analyzed the dynamics produced by the subjects, and also their construction of social ties in urban plots. We believe it is relevant to analyze the collectors work not only from the perspective of poverty and social vulnerability or the normative character of institutional policy, but in thesis, from the action of social actors focused on integration, strategy and subjectivation of their social practices and relations.

KEYWORDS

Spaces Flows. Urban Plots. Public Sociology. Sociopoetics.